

MIGRAÇÃO E RELIGIÃO EM PERSPECTIVA: TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS, CONTEXTOS RELIGIOSOS E INTERFACES COM POLÍTICAS PÚBLICAS.

*Migration and Religion in Perspective: Migratory Pathways, Religious Contexts and
Interfaces with Public Policies.*

Antonio Mendes da Costa Braga¹
Francesco Romizi²
Líria Maria Bettiol Lanza³

RESUMO

Visando ser um contributo para o florescimento dos estudos que buscam conjugar os fenômenos migratório e religioso, o presente dossiê contempla artigos de diferentes perspectivas e enfoques teórico-interpretativos. Nessa direção, do ponto de vista metodológico, os dados e problematizações encontrados nesta coletânea são o resultado de pesquisas de campo de caráter etnográfico, *surveys* e documental. Isso confirma, no seu conjunto e no que esses artigos têm de específico e no que eles têm em comum, a vitalidade e a complementaridade dos estudos recentes sobre a migração, através do esforço de um conjunto de pesquisadores em conjugar passado e presente na produção recente. E, ao estabelecer tais conexões, auxiliam na compreensão do papel da religião para além de uma simples menção ao que comumente se chamou de “acolhimento” dos migrantes, abordando aspectos de resistência do migrante na própria produção da fé; historicizam as narrativas das instituições religiosas, em tempos distintos, acerca do migrante e do refugiado, assim como as diferentes faces desse “acolhimento” que agrega elementos subjetivos e objetivos do cotidiano do migrante religioso.

Palavras-Chaves: Religião; Migrantes; Refugiados

¹ Professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, SP, Brasil. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande Sul e Pós-doutorado pelo Center for *Latin American Studies da University of Florida*, UF, Estados Unidos. Desenvolve pesquisa na área de migrações internacionais. É Coordenador do GEMIIN, Grupo de Estudos sobre Migrações Internacionais, Coordenador Geral da Rede de Atenção ao Migrante Internacional da Unesp, RAMIN-Unesp e tutor do Grupo PET de Ciências Sociais (Programa de Educação Tutorial, MEC), da FFC, Unesp, SP

² Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FACH/UFMS) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFMS) da mesma universidade. Possui graduação em Ciências Políticas pela *Università degli Studi di Perugia* (2006), mestrado em Antropologia Urbana pela *Univesitat Rovira i Virgili* (2008) e doutorado em Antropologia também pela *Univesitat Rovira i Virgili* (2013).

³ Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999), mestrado em Serviço Social pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (2003), doutorado (2010) no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de SP (PUC-SP) e Pós-doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública de Lisboa PT (2019). Atualmente é docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR). Tem experiência na área de Serviço Social e saúde, com ênfases no acesso, exercício e formação profissional; trabalho cooperado, imigração e o território nas políticas sociais. Coordena o Grupo de Pesquisa (CNPq) Serviço Social e Saúde, formação e exercício profissional.

ABSTRACT

Aiming to contribute to the flourishing of studies that seek to combine migratory and religious phenomena, this dossier includes articles from different perspectives and theoretical-interpretive approaches. In this direction, from the methodological point of view, the data and problematizations found in this collection are the result of ethnographic field research, surveys and documents. This confirms, as a whole and in what these articles have in common and in what they have in common, the vitality and complementarity of recent studies on migration, through the effort of a group of researchers to combine past and present in recent production. . And, by establishing such connections, they help to understand the role of religion beyond a simple mention of what is commonly called the “reception” of migrants, addressing aspects of migrant resistance in the very production of faith; they historicize the narratives of religious institutions, at different times, about the migrant and the refugee, as well as the different faces of this “reception” that aggregates subjective and objective elements of the daily life of the religious migrant.

Keywords: Religion; migrants; Refugees

Embora, por muito tempo, os especialistas das migrações não tenham atribuído particular importância ao campo da religião, um número crescente de estudos empíricos está pondo em evidência as muitas, complexas e relevantes associações existentes entre migrações e religião. Falamos de relações que, quase sempre, transcendem o âmbito religioso *stricto sensu*, constituindo-se como uma experiência complexa e multifacetada, com implicações que investem e atravessam diversas esferas da vida social, como a econômica, a política, a jurídica, a cultural e identitária, além, evidentemente, da espiritual. Outra característica recorrente dessas relações é que elas são particularmente resistentes e vigorosas, sem deixar, no entanto, de ser também dinâmicas e ágeis. Portes e Rumbaut (2006), no livro *Immigrant America. A portrait*, definiram a religião para os migrantes como “a presença duradoura”.

Em sintonia com a colocação de Portes e Rumbaut (2006), referente a essa “presença duradoura” da religião, os artigos que compõem este dossiê corroboram, no seu conjunto, que religião, religiosidades e questões religiosas representam algo que tende, com muita frequência, a estar presente em diferentes momentos dos fenômenos e fluxos migratórios. Religião é, portanto, algo passível de ser encontrado antes, durante e depois, aqui e acolá, em diferentes momentos, tempos e lugares onde migração, como fenômeno e fluxo, se faz presente.

Outra característica deste dossiê é que ele permite detectar uma tendência muito difusa nos estudos migratórios que abordam a religião: esta última é amiúde observada e analisada dentro dos processos de integração dos imigrantes. Sabemos que a religião dos migrantes é

considerada ora como um elemento acelerador, ora como um vínculo inibidor de tais movimentos. Sabemos também que a realidade apresenta um grau de complexidade que não pode ser reconduzido a nenhuma categorização dicotômica. Contudo, o problema do papel jogado pela religião nos processos de inclusão dos imigrantes, nas sociedades de destino, continua sendo uma questão sociologicamente pertinente e, como o leitor poderá notar ao longo deste dossiê, o ponto de partida de muitos estudos que se adentram na compreensão da relação migração e religião. Se os atores políticos, amiúde, colocam a ênfase nos obstáculos à unidade nacional e à coesão social que as identidades particulares, especialmente as das minorias religiosas, poderiam originar, a maioria das pesquisas realizadas nessa área de estudos está indo para a direção oposta. Os trabalhos aqui reunidos não se afastam dessa tendência e, em sintonia com o que defendem inúmeras pesquisas recentes, nos mostram como, em geral, os atores religiosos estão mais engajados na construção de pontes interculturais do que os próprios agentes das políticas públicas.

No primeiro artigo da nossa coletânea, “A Igreja católica e a crise de refugiados-migratória mundial”, a cientista da religião e doutora em teologia, Karen Sturzenegger, mostra-nos, no caso da Igreja Católica, a persistência histórica dessa abertura para com as pessoas em movimento, ao mesmo tempo que explora alguns dos motivos teológicos que a inspiram. Em particular, a partir de uma pesquisa histórica, a autora objetivou refletir sobre o papel e a contribuição da Igreja Católica em relação à crise de refugiados/migratória mundial, ao estabelecer um paralelo entre o período da Segunda Guerra Mundial, com a atuação do então Papa Pio XII e seu auxílio aos judeus, e as orientações da carta encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco no tempo presente.

A situação dos migrantes e refugiados tem se tornado um dos temas centrais nos debates mundiais e o seu espraiamento tem desafiado líderes políticos, organismos internacionais, como a ONU, entre outros, e colocado em xeque a abstração do que seriam os direitos humanos e do próprio ato de migrar como um direito. As fronteiras flexíveis aos interesses econômicos do mercado global se enrijecem em momentos de crise e, assim, homens e mulheres migrantes são “expulsos” de seus países (SASSEN, 2016), por vezes devastados por guerras civis, fome e miséria, e partem, em condições desumanas, para territórios incertos como forma de sobrevivência e manutenção de homens e mulheres e de suas famílias.

Sandro Mezzadra (2019), ao problematizar a crise migratória recente, com destaque para o refúgio, parte da noção do “direito de fuga” ao articular os contextos de dominação às lutas dos migrantes para cruzar as fronteiras. Todavia, já apontava Sayad (1998), ao examinar a migração argelina na França, a urgência em examinar melhor o papel dos agentes externos no apoio aos migrantes nos novos territórios, uma vez que, pela própria condição do migrante – provisório a depender do trabalho –, parecia depender de sujeitos já instalados para fazer avançar os processos de integração.

Não há dúvidas de que a Igreja Católica se configurou como um desses agentes mais atuantes ao longo do tempo. Ao percorrer a história sobre o posicionamento que essa Igreja, nos diferentes momentos históricos, tem em comum, destaca-se a ideia de que migrantes e refugiados se encontram em situação de desproteção e que a Igreja Católica assume o compromisso de prestar apoio e solidariedade a partir de seus ensinamentos e princípios. Essa ideia tem particular relevância se considerarmos que essa é uma igreja de proporções globais, com uma forte presença e penetração transnacional, que se move e se anima a partir de motivações e expectativas universalizantes (particularmente no que se refere aos seus valores norteadores). Essas expectativas universalizantes, entretanto, assumem feições locais e temporais específicas, sempre que se descolam do campo dos valores tidos como universais para o campo do vivido.

O artigo de Karen Sturzenegger nos ajuda a visualizar isso através do caso dos judeus. Conforme indicam os documentos apresentados pela autora, a atuação da Igreja envolvia apelo aos fiéis para o amparo e auxílio a esses grupos, como também a mediação para a libertação de judeus a partir das relações de poder do Papado. É notório que, desde então, movidos pelo repertório de fé católico, a Igreja Católica tem se configurado como importante ator social na questão da migração e do refúgio.

Ao contemporizar a participação da Igreja Católica no debate das migrações, a autora apresenta alguns aspectos da Encíclica Papal já nominada. Com forte teor social, são recuperados temas como a igualdade, a universalidade do gênero humano, sem distinção de raça, credo e nacionalidade, presentes nos discursos oficiais dos direitos humanos, como também outros termos, como fraternidade e irmandade, já mais próximos do discurso religioso. A intersecção desses conteúdos não é, de modo algum, simples, tampouco isenta de conflitos, mas se configura como contribuição à narrativa, em construção e disputa, em torno do migrante e refugiado e da própria migração como um direito humano.

Ao colocar a Igreja Católica em evidência, o artigo de Karen Sturzenegger nos instiga a considerar e a refletir sobre o papel e o real alcance dessa grande instituição religiosa no que se refere às formas de se compreender e de lidar com a questão dos migrantes e refugiados no mundo de hoje. Neste ponto, é interessante observar que esse é um tema a que a Igreja Católica dá destaque há mais de cem anos. Isso se levamos em conta que, no ano de 1914, o Papa Pio X estabeleceu que toda a Igreja Católica devia celebrar, todos os anos, no último domingo do mês de setembro, o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. Esse evento se repete, desde então, todos os anos e tem sido particularmente valorizado pelo atual Papa Francisco.

Partindo desse ponto, o artigo abre horizontes para novas inquietações e problematizações: – Qual é o papel e até onde vai o peso de uma instituição como a Igreja Católica na forma de enxergar e tratar a questão dos migrantes e refugiados hoje? Qual o alcance dos discursos produzidos nos âmbitos territoriais do catolicismo do ponto de vista subjetivo e objetivo? Como – e até que ponto – o envolvimento, a presença, as ações e os discursos da Igreja Católica tensionam e impactam as formas de entender e lidar com a questão migratória? Por exemplo, como se dá – e no que resulta – a relação entre valores religiosos católicos –compaixão, caridade, fraternidade – e os direitos humanos (enquanto campo de princípios que transcende o dos valores religiosos)? Ou, de forma mais ampla, como Igrejas (como instituições), religiões, pertencas, crenças e práticas religiosas atravessam e se fazem presentes dentro da questão mais ampla da migração e das realidades específicas vivenciadas por migrantes e refugiados?

Entendemos que, para além do caso católico, a religião, com tudo o que ela representa e põe em marcha, tende a intervir positivamente nas trajetórias dos migrantes. No entanto, essa primeira evidência, longe de constituir um ponto de chegada, em nossa reflexão, conduz imediatamente para outra série de problemas, que podemos resumir na seguinte questão: de que forma a religião, seja como experiência subjetiva, seja como espaço social de significação e interação, acompanha os migrantes no processo de acomodação e integração que eles têm pela frente? É claro que cada caso admitirá uma resposta diferente, tanto única quanto internamente complexa e diversificada. Um texto frequentemente citado, na indagação das diversas funções que a religião pode vir desempenhando na experiência migratória, é *The Role of Religion in the Origin and Adaptation of Immigrant Groups in the United States*, do sociólogo estadunidense Charles Hirschman (2004).

Segundo Hirschman (2004), os diferentes papéis desempenhados pela religião, num contexto migratório, podem ser sintetizados na fórmula dos três R: refúgio, respeito e recursos. Esses três termos nos falam de outras tantas dimensões e momentos da inclusão dos migrantes na sociedade de destino: a dimensão político-humanitária, a sociomoral e a econômico-material. As igrejas e as outras organizações religiosas representam, certamente, um refúgio para os recém-chegados, no momento em que, lá, os imigrados encontram ajudas e bens de primeira necessidade.

O artigo “Mulheres migrantes em Londrina-PR”, de Heloisa Dalfito Berbert e Evelyn Secco Faquin, que compõe este dossiê, traz o caso exemplar da Caritas Arquidiocesana de Londrina-PR, Brasil. Conforme nos mostram essas autoras, a Caritas – uma organização humanitária vinculada à Igreja Católica – termina desempenhando um protagonismo, quando se trata de identificar as ações político-humanitárias, sociomorais e econômico-materiais de acolhimento aos migrantes no contexto londrinense. Se tomamos esse caso da Caritas londrinense como exemplar, é porque ele é um entre vários outros casos dentro do contexto brasileiro, nos quais as atividades e ações de acolhimento a migrantes e refugiados são realizadas por organizações humanitárias da sociedade civil. Facilmente, são encontradas, no conjunto dessas organizações humanitárias, aquelas com identificação ou identidade religiosa, ou vinculadas a igrejas (com destaque para a Igreja Católica).

Isso que encontramos na sociedade brasileira não é fato isolado. Ana Cristina Braga Martes (2011), nos seus estudos sobre migrantes brasileiros nos Estados Unidos, oferece um retrato em espelho dessa realidade: lá, nos Estados Unidos, são os imigrantes brasileiros que buscam em igrejas ou organizações religiosas aquilo que, a partir de Hirschman, estamos chamando de “refúgio”. Aqui, no Brasil, como aponta o artigo de Berbert e Faquin, são migrantes de países latino-americanos, africanos ou sul-asiáticos que buscam e encontram “refúgio” em igrejas ou organizações religiosas.

Igrejas e organizações religiosas, ou humanitárias com vínculos religiosos, atuando como atores sociais dispostos a oferecer um primeiro e mais imediato acolhimento ao migrante e refugiado, representam, portanto, uma realidade tão presente em diferentes lugares onde as demandas por refúgio, hospitalidade e acolhimento se apresentam que compreender o impacto dessas presenças religiosas, onde elas ocorrem, faz-se necessário. Ou, dito em outros termos, pesquisar e buscar compreender os lugares e papéis desempenhados por Igrejas, religiões e organizações religiosas, ou humanitárias com vínculos religiosos, nos contextos de

acolhimento a migrantes e refugiados recém-chegados, deve ser parte dos esforços para uma compreensão mais ampla de como isso ocorre de fato e quais são os valores e as visões de mundo que movem aqueles que acolhem e aqueles que são acolhidos e o que eles entendem por acolher e ser acolhido.

Passando ao segundo dos três R de Hirschman (2004) – “respeito” -, como destaca Warner (2000, p. 1), a religião, agora tomada como participação num universo social, tem a ver também com a busca de respeito e de uma imagem social positiva. Isso é algo que, infelizmente, nem sempre os migrantes encontram na sociedade de destino, onde, frequentemente, tornam-se objeto de exploração e de discriminação. Organizações sociais ligadas às instituições religiosas, por outro lado, costumam oferecer a possibilidade de assumir papéis de responsabilidade e formas de reconhecimento social, dificilmente acessíveis na sociedade externa (AMBROSINI, 2008, p. 26).

Finalmente, o capital social que deriva da adesão a uma comunidade religiosa se traduz também em diversos tipos de recursos, a partir de informações e contatos que podem ser de grande utilidade, na hora de arranjar um emprego, de encontrar uma casa, de avançar na inserção escolar e social dos próprios filhos. A pesquisa de Ana Cristina Martes (2011) sobre migrantes e igrejas brasileiras nos EUA pode, mais uma vez, ser tomada como referência. No seu estudo, Martes nos mostra, com base em ampla e fundamentada descrição empírica, como o migrante brasileiro nos Estados Unidos, ao se vincular a uma Igreja de perfil étnico, ali encontra formas de ajuda pessoal e de cooperação mútua. Esse imigrante tem, também, a oportunidade de se inserir em redes familiares, de amizade e encontra espaço e possibilidades para fazer parte de organizações da Igreja cuja atuação pode se dar tanto dentro quanto fora do âmbito eclesial.

A partir do trabalho de Martes sobre o contexto migratório brasileiro nos EUA, mais especificamente em Massachussets, podemos visualizar como o vínculo a uma Igreja não só pode vir a trazer para o migrante – individualmente e/ou coletivamente - esses ganhos acima citados, como também tende a gerar sentimentos e práticas de pertencimento coletivo e, assim, produzir sentimentos comunitários entre aqueles que aderem a uma dada Igreja. Esses sentimentos podem ser alimentados tanto pelos cultos, quanto pelos encontros ou grupos de formação religiosa, comemorações e festas (como “festas juninas”, no caso de comunidades brasileiras nos EUA), circulações de objetos, emergência de lideranças comunitárias, estabelecimento de laços de amizade e cooperação.

O artigo “Religião e migração brasileira na Flórida Central: fatos e diálogos em imersão no campo”, de Kelly Thaysy Lopes Nascimento e Fernanda Lemos, que compõe este dossiê, segue nas trilhas do trabalho de Ana Cristina Marte. Assim como a pesquisa de Martes, o trabalho de Nascimento e Lemos aborda a migração brasileira nos EUA. Contudo, enquanto Martes trata da migração brasileira em Massachussets (Norte dos EUA), Nascimento e Lemos tratam da migração brasileira na Florida Central (Sul dos EUA) e apresentam rico material acerca da pesquisa realizada junto a migrantes brasileiros naquela região dos Estados Unidos e no Brasil, no período de 2018 a 2020. A caracterização dos migrantes é, aqui, determinante para se fugir da homogeneização dos migrantes e das migrações em qualquer que seja o objeto de estudo. No entanto, afirmar sua heterogeneidade não isenta a necessidade de aproximação de grupos específicos e de suas particularidades, como, por exemplo, do ponto de vista religioso. É o que essas autoras nos oferecem ao, em um exercício de lupa, trazer o perfil sociodemográfico de migrantes brasileiros e o papel sociorreligioso das igrejas brasileiras na Flórida Central.

O estudo das migrações deve partir de sua compreensão como processo dinâmico que se atualiza com os movimentos da sociedade como um todo, posto que a tradicional interface entre migração e religião, ao ser examinada de forma mais aprofundada, possibilita visualizar novas formas de articulação entre ambas, como, por exemplo, o propósito religioso como um dos motivos da migração de parte dos informantes. Outro destaque, conforme antecipado, advém dos dados referentes aos serviços prestados pelas igrejas aos migrantes com um cardápio de ofertas variado e, de certa forma, integral ao abarcar as condições objetivas de vida (contribuição financeira e outras formas de auxílio), assim como informações e assessoramento aos migrantes do ponto de vista da educação e do trabalho.

O artigo de Nascimento e Lemos nos permite visualizar que, de um lado, a presença das instituições religiosas é fundamental para o enfrentamento das adversidades dos processos de instalação e integração de quem migra e, de outro lado, para o próprio fortalecimento das igrejas no contexto do estudo apresentado. Sendo verdade, isso nos permite formular alguns questionamentos: Que tipo de relação se desenvolve entre um migrante que adere a uma Igreja? Por conseguinte, qual tipo de relação essa Igreja estabelece com esse migrante? Nesse caso, qual o peso da situação de vulnerabilidade na qual se encontra um migrante na sua relação com uma dada Igreja? Ou, em outros termos, há alguma relação entre o maior ou menor nível de vulnerabilidade na qual se encontra um migrante e um maior ou menor nível

de dependência do migrante em relação a uma dada Igreja? Em suma, cientes de que, no contexto contemporâneo, muitos migrantes encontram-se em delicadas situações de vulnerabilidade (particularmente migrantes não documentados, refugiados e apátridas), como se dá e qual o peso e o impacto dessas situações de vulnerabilidade na relação Igreja X migrante?

Aos três R de Hirschman poderíamos acrescentar outras três funções, antropologicamente fundamentais, que remetem à possibilidade de os migrantes produzirem, por meio do universo simbólico de alguma religião, significados, identidades e modos de vida transnacionais. Começando pela primeira função dessa segunda tríade, como Romizi (2014, p. 24) mostrou, com relação ao caso dos equatorianos residentes em Barcelona e Nova Iorque, o “Deus na mala” que os migrantes carregam consigo não consiste tanto num conjunto de significados preestabelecidos, quanto na possibilidade – para eles extremamente urgente e valiosa – de produzi-los.

Passando à função identitária, Ambrosini (2021, p. 10) chama a atenção para a importância da fé religiosa na definição da identidade pessoal em contextos alienantes como costumam ser os migratórios. Sempre, segundo Ambrosini (2021, p. 10), a questão da identidade nos conduz a outra relativa à pertença: a possibilidade de se posicionar num contexto social mais amplo, de se identificar pelos próprios olhos e pelos dos outros. E isso ocorre, precisamente, no coração desses articulados jogos das identidades, realizados também por meio do código religioso.

O artigo intitulado “Como os imigrantes haitianos se relacionam com o vodu no município de Cambé-PR”, de Marc Donald Jean Baptiste, indaga um aparente paradoxo que envolveria a comunidade haitiana dessa localidade da região metropolitana de Londrina: mesmo o vodu representando um elemento fundamental e constitutivo da identidade haitiana, ele não parece ocupar nenhum lugar no contexto migratório haitiano. O autor, através de um trabalho de campo, chega à conclusão de que essa invisibilidade do vodu entre os migrantes haitianos representa menos sua ausência do que uma estratégia intencionalmente posta em marcha por seus interlocutores. Trata-se de uma estratégia de autoidentificação que, replicando o silenciamento histórico contra as práticas religiosas do vodu no Haiti, visa uma mais plena integração em terras estrangeiras, pelo afastamento – não sabemos até que ponto real – dessa tradição religiosa e dos estigmas negativos que ela carrega.

A comunidade haitiana observada por Jean Baptiste se constituiu em torno de algumas igrejas protestantes de orientação neopentecostal que ofereciam a seus membros proteção, estreitos vínculos de solidariedade e um lugar de convívio familiar. Com efeito, tratava-se de igrejas étnicas, guiadas por pastores haitianos, falando a língua materna, o crioulo. Embora esse tipo de modelo de acolhimento pastoral dos migrantes seja frequentemente objeto de críticas, sob a acusação de impedir ou atrasar a integração dos imigrantes, promovendo uma espécie de autosegregação, há já uma ampla literatura que nos demonstra exatamente o contrário: em muitos casos – emblemático é, nesse sentido, o caso dos bairros e das igrejas étnicas de Nova Iorque – a inclusão não se dá individualmente, mas coletivamente, pela integração das comunidades étnico-linguísticas de pertença. O dilema entre a constituição de igrejas étnicas dos imigrantes e a incorporação deles nas comunidades locais já existentes atravessa praticamente todas as instituições religiosas que estão envolvidas em atividades de acolhimento. No caso da Igreja católica, por exemplo, temos, de um lado, a paróquia territorial e, do outro, a paróquia pessoal étnico-linguística ou ritual; no meio, encontramos diversas soluções intermediárias, como a paróquia local com missão étnico-linguística ou ritual ou capelanias que assistem determinados grupos nacionais.

Também no artigo “Religião e construção identitária no contexto migratório Sírio”, escrito por Suzana Ramos Coutinho e Jesner Esequiel dos Santos, encontramos um diálogo entre identidades religiosas e identidade nacional, embora mais complexo e intrincado. Esse texto se distingue dos outros porque a atenção é deslocada dos contextos de chegada dos fluxos migratórios do de origem ou saída, o da Síria no meio de uma guerra civil que teve início com a Primavera Árabe e que prossegue até o momento presente. Os autores nos mostram como o processo de construção do estado sírio passou por um silenciamento das diversas identidades religiosas ali presentes. Com a crise desse processo, a diversidade religiosa (?) começou a ressurgir de forma bastante violenta e impetuosa, alimentando um conflito que impacta diretamente os deslocamentos internos e internacionais dos cidadãos sírios. Em particular, os três agentes que mais estariam impulsionando a migração na Síria são o grupo religioso alauíta do governo de Bashar al-Assad, os rebeldes do Free Syrian Army (FSA), em sua maioria sunitas (SLIM, 2012), e, por fim, os membros do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL) cujo líder era sunita salafista.

Por último, e já quebrando dicotomias clássicas dos estudos culturais das migrações (como aqui e ali, assimilação e retribalização, integração e segregação, inclusão e exclusão,

local e global etc.), apesar das grandes distâncias que os separam e graças ao desenvolvimento e barateamento dos meios de comunicação e de transporte, muitos migrantes conseguem manter um contato regular e assíduo com suas comunidades de origem; e o que frequentemente observamos é que, dentro desse contexto de separação conectada, muitos migrantes utilizam o código religioso para criar novas formas de família (CARRILLO ESPINOSA, 2008, p. 52) e de pertença participada a uma comunidade local (ROMIZI, 2014, p. 192), que já nos levam a modos de vida transnacionais.

A questão da transnacionalização nos contextos migratórios emerge com força no início dos anos 90, por meio de trabalhos como o de Nina Glick Schiller, Linda Basch e Cristina Blanc-Szanton, "*Nations unbound: Transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*" (1994). E não demora muito para surgirem estudos que demonstram que essa também é uma realidade que diz respeito à presença das religiões, das realidades religiosas e das Igrejas nos diferentes movimentos e fluxos migratórios contemporâneos (LEVITT, 2004). Ou seja, a realidade migratória contemporânea não deve mais ser pensada a partir de (ou, apenas como) rupturas entre o “aqui e lá” (país de origem X país de destino/acolhimento), mas como uma realidade em fluxo, em contínuo deslocamentos de pessoas, coisas, crenças... um deslocamento, em que as migrantes e os migrantes – principalmente através das redes de vínculos que eles estabelecem entre si – desempenham um papel fundamental.

Emergem, portanto, estudos que passam a dar maior protagonismo às migrantes e aos migrantes como protagonistas dos fluxos migratórios. Isso implica numa sutil, mas importantíssima, mudança de enfoque, que se desloca da migração como tema central para a migrante e o migrante como tema central dos estudos migratórios. Na medida em que o foco passa a ser muito mais em migrantes, maior passa a ser a compreensão sobre quem são eles e elas e sobre a real dimensão da importância deles e delas na constituição e configuração dos atuais fluxos migratórios e, por consequência, do fenômeno migratório contemporâneo. Inclusive, no que se refere ao lugar e aos deslocamentos de uma religião e de suas práticas, crenças, símbolos e significados no mundo, através dos migrantes.

Essa questão da transnacionalização (GLICK SCHILLER et al. 1994), e da transnacionalização religiosa em particular (LEVITT 2004; ROMIZI 2014), ganha novas nuances através do artigo escrito por Ricardo Cruzzolini, intitulado “Uma devoção peruana na Itália central entre piedade popular e catolicismo oficial”. No texto de Cruzzolini, podemos

perceber que, no contexto da sociedade de destino, na qual os imigrantes se inserem, aquilo que eles trazem de “lá” (de sua sociedade de origem) não é um simples deslocamento do que estava “lá” e foi trazido para “cá”. Na realidade, como nos mostra Cruzzolini, através de sua pesquisa com migrantes peruanos na Perugia, Itália, as experiências religiosas e devocionais dessa comunidade de migrantes toma forma(s) não como uma simples importação de suas crenças e práticas religiosas, mas através de embates dialéticos em que, de um lado, a Igreja Católica local (notadamente o clero local, na Perugia) tenta de incorporar e legitimar as expressões devocionais dos peruanos e, de outro lado, os fiéis migrantes peruanos se esforçam para defender uma religiosidade mais próxima de sua própria sensibilidade.

Esse olhar mais atento para as migrantes e os migrantes, bem mais do que apenas para a migração em si, leva-nos a um outro conjunto de questões: Quem é, quem são esses migrantes? Como se identificam? Como se reconhecem? Quais os significados e impactos da experiência migratória para elas e eles, nas formas de se identificar, reconhecer, relacionar e interagir no mundo e com outros atores sociais?

Essas são perguntas que nos movem para um outro tema importante quanto tratamos das migrantes e dos migrantes no contexto migratório internacional contemporâneo: a questão identitária.

Como visto, a religião entra nas trajetórias dos migrantes através das diversas funções que ela desenvolve nos processos de inclusão, mas precisamos ter cuidado porque uma perspectiva excessivamente funcionalista pode conduzir à ideia errada de que tais processos aconteçam sempre de forma harmônica, linear e pacífica. Como nos mostram nossos últimos dois artigos, na realidade, essa ideia nunca se materializa verdadeiramente. Longe disso, os encontros e as aproximações entre imigrantes e agentes religiosos de destino são quase sempre acompanhados por mútuas incompreensões, equivocações, maravilhas, espantos e preconceitos. Nem sequer o fato de partilhar uma mesma religião poupa os imigrantes e os membros das instituições religiosas de acolhida das experiências de estranhamento, desconfiança, censura e discriminação. Ao contrário, os centros religiosos frequentados por imigrantes são arenas disputadas, em que se processam difíceis e demoradas mediações, negociações e recíprocas contaminações, em diferentes níveis e entre diversos atores.

Vai nessa direção a contribuição do já citado artigo de Ricardo Cruzzolini, quando o autor apresenta dados e interpretações da investigação a partir de suas fontes (documentais e etnográficas) que expressam as conexões e ou disputas entre a estrutura institucional católica

e as formas de sociabilidade e devoção do catolicismo popular do grupo de migrantes peruanos no território paroquial na cidade de Perugia na Itália.

Segundo Cruzzolini, sob a perspectiva bourdieusiana, os valores institucionais católicos compõem o capital simbólico sob controle de clérigos, que visa, num processo histórico, incorporar, por meio da lógica católica de inculturação, os aspectos e características produzidos pelos distintos grupos sob jugo em suas diversas fases históricas. No caso investigado, os peruanos desenvolveram suas estratégias de sociabilidade por meio da prática devocional da piedade – “de baixo para cima”. O pesquisador define que os “migrantes eram católicos que introduziam na Europa formas de expressividade religiosa embebidas daquela piedade popular que reenviava a mundos culturais antigos e particulares”.

A produção etnográfica enfatizou as práticas peruanas que organizam duas procissões no centro histórico e na periferia da cidade de Perugia, região central italiana, em que a veneração d’O *Señor de los Milagros* é desenvolvida no mês de outubro. Ao considerarmos a noção de campo bourdieusiano e a relação estabelecida entre as ações institucionais (desenvolvidas pelos clérigos católicos) e as formas de devoção popular peruana no território italiano, Cruzzolini, corroborando o que colocamos anteriormente, afirma que “parece mais oportuno falar de dialética entre experiências religiosas qualitativamente diferentes que, estabelecendo uma relação entre si, ativam um verdadeiro círculo hermenêutico em perene movimento”.

Por fim, o autor propõe uma reflexão sobre como a pandemia Covid-19 pode afetar as relações entre Igreja oficial e piedade popular, deixando pistas e trilhas para novos estudos e pesquisas em torno da temática.

Os artigos que compõem este dossiê podem ser lidos, no seu conjunto, tanto pelo que eles têm em comum, suas convergências e/ou similitudes, quanto por aquilo que cada um tem de específico e que os diferencia entre si, apontando para formas distintas e possíveis de trabalhar os temas migração, migrantes, religião de forma conjugada. Quanto às distintas formas possíveis de trabalhar conjuntamente os temas migração, migrante e religião, é preciso reconhecer que isso é inerente a esses temas. Ou melhor, inerente à dimensão do real, em que tais temas se realizam como vida, e não como tema.

Nessa perspectiva, entendemos que a conversão da vida em tema, temática, é algo que nós, cientistas, operamos como ofício. É parte daqueles recursos que temos e utilizamos, no exercício de nossas disciplinas, como forma de capturar (encapsular) algo que faz parte do

real, como parte dos nossos caminhos e esforços em melhor compreendê-lo. Entretanto, o real em si – e mesmo parte dele –, temos ciência, não cabe em um tema, numa temática. Assim como temos ciência de que esse real é vida – no nosso caso vida social – e que, portanto, é algo que se move, modifica, abre novos caminhos, novas possibilidades, entrelaçando-se no contínuo fluxo da vida.

Os temas migração, migrantes e religião – no seu conjunto e entrelaçamentos – estão nesse contínuo fluxo. Portanto, sempre abrem novas possibilidades de compreensão, e, por conseguinte, novos temas emergem.

O artigo “Migração Sul-Sul e racismo: perspectiva analítica da presença afrosubsariana lusófona no Brasil”, de Ilídio Fernando, Kaique Matheus Cardoso e Oscar Sousa Domingos, por exemplo, e que é parte deste dossiê, ao tratar da migração sul-sul, do racismo, da religião e da presença afrosubsariana lusófona no Brasil, permite tanto nos indagar sobre questões identitárias (esses migrantes e suas diferentes origens identitárias afrosubsariana, que compartilham a língua comum de herança colonial), quanto questões que surgem a partir de suas experiências como migrantes no Brasil (como as ligadas aos racismo e à xenofobia). Se articulamos uma leitura do artigo desses autores – e as questões que eles propõem – com o já citado artigo de Heloisa Berbert e Evelyn Faquin, sobre mulheres migrantes em Londrina-PR, e o contributo que essas autoras trazem para se pensar a questão do gênero nos contextos migratórios, podemos, aqui, visualizar um outra questão que vem ganhando relevância nas ciências sociais e humanas e que – nos parece – é também um ponto a se levar em conta dentro de uma realidade tão ampla e complexa como essa à qual este dossiê busca oferecer alguma forma de contributo, que envolve a relação entre migração e religião. Estamos nos referindo à questão da interseccionalidade.

Como parte desses olhares que se interessam cada vez mais pelas migrantes e pelos migrantes, bem mais do que (ou não apenas) pela migração em si, a compreensão das migrantes e dos migrantes – e de suas experiências e vidas - vão ganhando maior profundidade, multidimensionalidade, especificidades. O lugar de onde veio, sua origem étnica ou geográfica, sua religião, seu gênero, sua idade (geração), seu corpo, raça, a língua em que se expressa são elementos que se interseccionam e fazem parte e se refletem na sua experiência de ser migrante (um ser migrante que, também, é apenas uma das suas dimensões, das suas experiências de ser, estar e interagir no mundo social).

Naquilo que é de particular interesse deste dossiê, o olhar para ela ou ele que é migrante detém-se precisamente no fato de que ela ou ele é migrante, com particular interesse nos lugares e sentidos que religião, religiosidade e experiências religiosas ocupam em suas vidas. Interessa-nos, aqui, também, essas e esses migrantes hoje, na experiência de ser migrante hoje. E, no tempo presente, não podemos negligenciar dois aspectos importantes: (1) vivemos em um momento da nossa história comum, como humanidade, em que grande parte dos deslocamentos humanos são deslocamentos forçados (causados por guerras, intolerâncias [religiosas, de gênero], crise climática, violência de diferentes tipos); (2) e, como nos mostra Gilberto Dias Nunes, através do artigo “O migrante na fronteira: superar a globalização de uma economia que exclui”, que se apresenta como a última contribuição deste dossiê, a experiência das migrantes e dos migrantes nos tempos de hoje é uma experiência “na fronteira” (AGIER, 2015), ainda majoritariamente marcada por uma lógica de economia global, que, para a grande maioria delas, deles, implica em exclusão ou, como coloca Michel Agier, ser “indesejável”.

Bibliografia

AGIER, M. **Migrações, descentramento e cosmopolitismo. Uma antropologia das fronteiras**. Maceió-São Paulo: Edufal-Unesp, 2015.

AMBROSINI, M. 2021. Prefazione. *In*: Lagomarsino, Francesca (Org.). **Pregare tra due mondi: pratiche religiose percorsi di integrazione degli immigrati**. Genova: Genova University Press, 2021, pp. 9-19.

_____. **Participación religiosa e integración de los inmigrantes. Una reflexión entre América y Europa, entre historia y actualidad**. Migraciones, n. 23, p. 11-44, 2008.

CARRILLO ESPINOSA, M. C. La fotografía y el vídeo como documentos etnográficos en el caso de la migración ecuatoriana, en ARDÉVOL, E.; ESTALELLA, A. y DOMÍNGUEZ, D., **La mediación tecnológica en la práctica etnográfica**, ANKULEGI antropología elkartea, 2008, pp. 49-64.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. **Nations unbound: Transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states**. Nova Iorque, Gordon and Breach, 1994.

HIRSCHMAN C. (2004). **The Role of Religion in the Origin and Adaptation of Immigrant Groups in the United States**. *International Migration Review*, n. 38/3. 1206-1233: Thousands Oak: Sage.

MARTES, A.C.B. **New Immigrants, New Land - A study of Brazilians in Massachusetts**. Gainesville: University Press of Florida, 2011. v. 1. 302p .

MEZZADRA, S. **Direito de Fuga: migrações, cidadania e globalização**. Livraria Tigre de Papel, 2019.

PORTES A.; RUMBAUT, R.. **Immigrant America**. A portrait. Berkeley: University of California Press., 2006.

ROMIZI, F. **El dios en la maleta. Los caminos de la significación mítica de los ecuatorianos católicos en Barcelona y Nueva York**. Tarragona/Quito: Publicacions Universitat Rovira i Virgili/FLACSO Ecuador, 2014.

SASSEN, S. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Tradução de Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

WARNER, R. Stephen. **The new immigrant religion: an update and appraisal**. *Epicenter*, v. 5, n. 2, p. 1-7, (Spring) 2000.